

## A POBREZA VOCABULAR EM TEXTOS OFICIAIS

*Deonísio da Silva* (UNESA)<sup>2</sup>

deonisio.silva@estacio.br

Em passado recente era comum as autoridades com fortes vínculos educacionais – ministros e secretários de Estado, principalmente da Educação, da Cultura, e demais expoentes referenciais – cultivarem a norma culta da língua portuguesa, de modo a não chocarem o brasileiro médio e a intelligentsia nacional, com textos de má qualidade. Esse cuidado hoje em dia é muito raro.

A que atribuir a mudança para pior? À substituição dos estudos clássicos, com obras e autores de referência nas diversas antologias escolares, por livros didáticos ou paradidáticos de uma espantosa indigência intelectual. À chegada ao poder de partidos sem quadros preparados, que ocupam os aparelhos de Estado por indicações da "base aliada". Ou, na síntese do jornalista Augusto Nunes, "base alugada".

Na transição dos reitores nomeados para os reitores eleitos pelas respectivas comunidades universitárias, no começo ainda havia respeito pelo saber acadêmico, que depois cessou, prevalecendo as relações sindicais apenas. Não que elas não sejam necessárias, mas é que não podem ser hegemônicas, levando-as a alçar, a importantes cargos, intelectuais que não são referência de nada em pesquisa, em ensino, em extensão, em obra publicada.

---

<sup>2</sup> Escritor, membro da ABRAFIL, Doutor em Letras pela USP e Vice-reitor de Extensão da Universidade Estácio de Sá.